



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

### **GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

RUI COSTA - GOVERNADOR

### **SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

### **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

---

### **DIRETORA DA EDITUS**

Rita Virginia Alves Santos Argollo

#### **Conselho Editorial:**

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Alexandra Marselha Siqueira Pitolli

Eduardo Lopes Piris

Evandro Sena Freire

Guilhardes de Jesus Júnior

Jorge Henrique de Oliveira Sales

Josefa Sônia Pereira da Fonseca

Lessí Inês Farias Pinheiro

Luciana Sedano de Souza

Lurdes Bertol Rocha

Maria Luiza Silva Santos

Ricardo Matos Santana

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Sabrina Nascimento

---

# TARFI NA ESTRADA

FICÇÃO E REALIDADE NA TRAJETÓRIA DE REFUGIADOS

MARIA LUIZA SANTOS

ILUSTRAÇÕES: SANQUELLO DE LIMA SANTOS

Ilhéus - BA



Editora da UESC

2018

Copyright ©2018 by  
MARIA LUIZA SANTOS

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA  
Deise Francis Krause

ILUSTRAÇÕES  
Sanqueilo de Lima Santos

REVISÃO  
Pedro Carvalho  
Roberto Santos de Carvalho  
Tess Chamusca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

S237 Santos, Maria Luiza  
Tarfi na estrada: ficção e realidade na trajetória de refugiados /  
Maria Luiza Santos ; ilustrações Sanqueilo de Lima Santos – Ilhéus,  
BA: Editus, 2018.  
[142] p.: il.

Inclui referências  
ISBN: 978-85-7455-483-9

1. Migração. 2. Refugiados. 3. Direitos humanos. 4. Direitos  
humanos e globalização. I. Santos, Sanqueilo de Lima I. Título.

CDD 304.8


---

Bibliotecária responsável: Quele Pinheiro Valença CRB 5/1533

**EDITUS - EDITORA DA UESC**  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028  
www.uesc.br/editora  
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À

  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias



04 de abril de 1984. Ontem à noite ao cinema. Tudo fitas de Guerra. Uma muito boa dum navio cheio de refugiados bombardeado no Mediterrâneo. Público muito divertido com cenas de um homenzarrão gordo tentando fugir nadando dum helicóptero. Primeiro se via ele descendo e subindo na água que nem golfinho, depois pelas miras do helicóptero, e daí ficava cheios de buracos o mar perto ficava rosa e de repente afundava como se os furos tivessem deixado entrar água. Público dando gargalhadas quando afundou. Então viu-se um escaler cheio de crianças com um helicóptero por cima. Havia uma mulher de meia idade talvez judia sentada na proa com um menino duns três anos nos braços. Garotinho gritando de medo e escondendo a cabeça nos seios dela como querendo se refugiar e mulher pondo os braços em torno dele e consolando apesar de também estar roxa de medo. Todo tempo

cobrindo ele o mais possível como se os braços pudessem protegê-lo das balas. Então o helicóptero soltou uma bomba de 20 quilos em cima deles clarão espantoso e o bote virou cisco. Daí uma ótima fotografia dum braço de criança subindo subindo subindo um helicóptero com a câmera no nariz deve ter acompanhado e houve muito aplauso no lugar do partido mas uma mulher da parte dos proles de repente armou barulho e começou gritar que não deviam exhibir fitas assim para crianças não e daí e tal até que a polícia a botou na rua não acho que aconteceu nada para ela ninguém se importa com que os proles dizem.

**George Orwell em 1984, p. 7.**



## PREFÁCIO

Ler o livro da professora MARIA LUIZA SANTOS é se deparar, ao mesmo tempo, com uma escrita brilhante e com a sensibilidade que só se encontra nas pessoas que sentem o que significa a violação a direitos. Contado de uma forma inovadora e bastante clara, o livro TARFI na estrada: ficção e realidade na trajetória de refugiados é um convite constante a ler a página seguinte, pois, ao mesmo tempo que traz informações concretas sobre o mundo da mobilidade humana internacional, o texto é empolgante, trazendo a história de Tarfi de forma clara e comovente.

Para atingir esse objetivo, a Autora, de forma inovadora, transporta o leitor para um programa de televisão. E assim agindo, conduz as pessoas que mergulham no texto a um ambiente conhecido, o que lhe permite despertar mais sensações do que escreve, pois as faz subtendidas. Enfim, essa decisão de escrita além de ser carregada de familiaridade é também, contraditoriamente, repleta de novidade, fazendo nascer uma grande vontade de se ter certeza do que vai acontecer no texto.

Também é importante o conjunto de referências trazidas no texto, pois permite, ao fazer surgir o interesse pela pesquisa do tema, que o seu leitor possa se aprofundar no conhecimento do tema.

Sem dúvida, também, o tema é outra grande escolha da Autora. É atual, recheado de nuances, ligado a quase todos os cenários cotidianos hodiernos e presente na história da imensa maioria da população mundial, ou por histórias recentes, ou por experiências passadas contadas por várias gerações. É destaque sem dúvida no mundo atual e no imaginário de todos.

Nesse ponto, a Autora permite que muitas de nossas viagens familiares sejam revisitadas e muitos de nossos dilemas e recordações tristes sejam revividas. A família Fiorello é um símbolo de nossos desafios, de nossos afetos, de nossas tristezas e de nossas buscas constantes pela felicidade. Os membros de ONGs e advogados também podem ser vistos como aqueles que servem de amálgama para esses nossos embates cotidianos, indicando, essencialmente, que é possível fazer algo para tornar o mundo um lugar melhor.

Em linha com seu marco teórico humanista, a professora Maria Luiza Santos descortina o mundo para quem está nele, mas só olha para dentro de si. A história triste da família de Tarfi, antes de se tornar um dos Fiorello, mostra o quanto estamos distantes da efetivação de direitos humanos e o quanto nos afastamos do mundo mais acolhedor ao decidirmos pelo individualismo.

O livro é um convite, não somente à leitura, pois esse é feito constantemente e não se consegue parar de lê-lo, mas também um convite à reflexão sobre o nosso mundo, sobre a nossa vida, sobre as nossas famílias, sobre o que fazemos com o tempo que temos e como decidimos os nossos próximos passos. Se eu pudesse dar um conselho, diria que o melhor próximo passo é ler este livro. Aceite o convite que eu aceitei, leia. Informações virão e, inevitavelmente, seu olhar para o mundo poderá mudar, mas certamente para melhor.

#### LUÍS RENATO VEDOVATO

Doutor em Direito Internacional pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Professor MS-3 da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Programa de Mestrado em Direito da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); Professor de Direito Internacional da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC de Campinas). Colaborador externo do European University Institute, de Florença (ITA), no projeto de pesquisa EUDO Citizenship Observatory, nos anos de 2014 a 2015.





**TARFI NA ESTRADA:**

Ficção e realidade na trajetória de  
refugiados



# APRESENTAÇÃO

Este é um programa de televisão que nunca aconteceu, com personagens que nunca existiram.

Estes não, mas tantos outros existiram e existem, sim. Viveram e vivem histórias semelhantes. Algumas mais sofridas, outras menos. Algumas definitivas, outras nem tanto. O enredo foi criado, mas infelizmente baseado em fatos, na vivência de tantos refugiados que transitam hoje pelo mundo. Muitos sabendo de onde vieram; outros, nem isso. Alguns sabendo onde pretendem chegar; a maioria torcendo apenas por chegar a um porto seguro.

O corte é profundo e devastador. O abandono de uma vida, de um lugar, de uma história e a separação das pessoas que ama são situações inimagináveis para quem está do lado de cá. Fechar os olhos e fazer um exercício de se colocar por um minuto, numa vida sem perspectivas é angustiante. Imagine viver?

Estamos no século XXI, mais precisamente na segunda década, ano de 2017. Tempo que já foi o futuro. Período em que se imaginavam as máquinas e os robôs, os meios de transporte e os eletrodomésticos. Época em que poucas pessoas imaginavam como seriam os meios de comunicação. Século que foi traduzido em desenho pela série *Os Jetsons*, produzida pela Hanna-Barbera<sup>1</sup>, exibida entre 1962 e 1963 e relançada entre 1984 e 1987.

---

<sup>1</sup> Hanna-Barbera Productions foi a maior produtora de animação para a televisão do século XX. Uma empresa de desenho animado criada em 1957 pela dupla de cartunistas norte-americana William Hanna e Joseph Barbera, ex-funcionários da MGM Cartoons (SILVA, 2017).

Aguçando o imaginário das pessoas sobre como seria o futuro, por meio de carros voadores, cidades suspensas, trabalho automatizado, aparelhos eletrodomésticos e robôs, a série criou, nos seus leitores e telespectadores, um imaginário quanto ao que esperar da humanidade.

A Hanna-Barbera acertou, pelo menos em boa parte dos episódios de Os Jetsons. Vivemos em um tempo de muito mais conveniências e conforto, de maior praticidade e de bens de consumo que facilitam bastante a existência do ser humano, se comparado a períodos anteriores. Um século em que pelo menos Os Jetsons já imaginavam como estariam os avanços tecnológicos e de comunicação, uma vez que não há dúvidas quanto ao desenvolvimento das diversas ciências, das descobertas e da relevância das pesquisas e da tecnologia.

Mas no quesito humanidade, talvez a palavra de ordem seja o contrassenso. Houve avanços em muitas áreas. Somos um mundo com uma **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, que afirma, em seu parágrafo 1º, que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos, dotados de razão e de consciência e devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” (ONU, 1948, p. 4).

Temos o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), com a sua Comissão de Projetos Humanitários, que desenvolve e implementa projetos educacionais e humanitários relacionados à profissionalização, tendo como público-alvo crianças e adolescentes desfavorecidos em razão de práticas discriminatórias, questões étnicas ou raciais, situações de emergência, vulnerabilidade, deficiência, HIV/aids ou violência.

Contamos com ONGs como Médicos sem Fronteiras, uma organização humanitária internacional que leva cuidados de saúde às pessoas que mais precisam de forma neutra, independente e imparcial. São várias

organizações comprometidas com a pesquisa, o trabalho de campo e a formulação de políticas públicas com o objetivo de promover a cultura de paz e a inclusão social, entre centenas de outras instituições ligadas à infância e à juventude, ao tráfico de pessoas, à justiça social, à solidariedade e à cidadania.

Porém, convivemos com uma realidade que não encontramos nem no imaginário de Bedrock, cidade da Idade da Pedra, se continuarmos com os exemplos das histórias em quadrinhos, em que encontramos Os Flintstones, uma série de televisão animada produzida também pela Hanna-Barbera entre os anos de 1960 e 1966. O desenho retrata o cotidiano de uma família de classe média que, apesar de estar na Idade da Pedra, contexto que se presumiria não civilizado, apresenta vivência de lar, convívio social, fartura de alimentação, trabalho, estrutura de sociedade harmônica, longe do conceito de barbárie que poderia pressupor a Pré-história...

Desenhos animados à parte, estamos falando do contraponto entre humanidade e a vivência de muitos refugiados em pleno século XXI. Como ressalta o professor da USP Celso Lafer (2016 s/p),

o século 20 foi caracterizado como uma era de extremos pelas rupturas, tanto criativas quanto destrutivas, na vida das pessoas num mundo que foi crescentemente se interconectando. Esses extremos, para o bem e para o mal, se prolongam no século XXI [...]. Na perspectiva do efeito destrutivo atual dos extremos, cabe sublinhar a trágica precariedade que assola a vida de pessoas nas regiões do que pode ser qualificado de o arco da crise.

No Oriente Médio e em partes da África há Estados falidos (como o Iraque e a Líbia), Estados em estágio pré-falimentar, conflitos e guerras civis que se prolongam com intervenções extrarregionais, como a que desagrega a Síria, a precariedade e artificialidade de fronteiras interestatais, que instigam conflitos étnicos e religiosos. Tudo isso, em conjunto, vem catalisando a existência dessa enorme população de excluídos do mundo comum, refugiados que fogem do arco da crise, sem encontrar destino e acolhida.

Realidade de guerra, de deslocação<sup>2</sup>, de conflitos armados, de coação<sup>3</sup>, de preconceitos e discriminação, de pessoas consideradas apátridas<sup>4</sup>, de escravidão, exclusão, de xenofobia<sup>5</sup>, de tráfico de pessoas, de genocídio, de tortura e de sequestro... Existência de falta de dignidade, de falta de solidariedade e principalmente de ausência de afeto. Realidades ainda vividas pelos seres humanos no mundo, em pleno século XXI.

---

<sup>2</sup> “Afastamento forçado de uma pessoa, da sua casa ou país de origem, frequentemente por razões de conflito armado ou devido a desastres naturais”. (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2009, p. 18).

<sup>3</sup> “Constrangimento através de força física ou da ameaça de uso de força física” (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2009, p. 14).

<sup>4</sup> “O apátrida é a pessoa sem filiação formal a um corpo político, é, nesse sentido, identificado como um pária internacional, uma pessoa desprotegida, que enfrenta privações por não receber o amparo de um Estado – privações que são graves e abrangentes, muito além daquelas comuns aos estrangeiros. O apátrida conta com pouca ou com nenhuma proteção, tanto no país onde se encontra quanto internacionalmente” (VEDOVATO, 2013, p. 23).

<sup>5</sup> “Xenofobia é definida como o medo que leva ao desprezo dos estrangeiros; é o afastamento das pessoas que são diferentes e que, como tais, passam a fazer parte da categoria dos excluídos. A xenofobia, segundo Mayadas e Elliott, tem tanto componentes sociais quanto estruturais e interpessoais, podendo ser distribuída em vários níveis” (VEDOVATO, 2013, p. 86).

No formato de um programa de entrevistas, personagens fictícios, autores, pensadores contemporâneos e profissionais anônimos discutem as questões acima pontuadas. Contam uma história de perdas, encontros e superação, descortinando para o leitor várias interfaces de uma questão que está longe de impactar um indivíduo. Seu alcance é de difícil mensuração tanto no tempo como no espaço.

Você vai conhecer a história de Tarfi, sua família, sua trajetória e suas vivências, como um garoto refugiado. Assista agora ao programa Mundo em Tela, veiculado pela Rede Fronteira de Televisão, produzido por Maria Luiza Santos, com a apresentação de Maria Dorotéia Cambuci.